

Caretas do Mingau: a memória coletiva da participação popular feminina na luta pela Independência da Bahia em linguagem audiovisual (Saubara – BA)¹

Ana Elisa Machado Souza²

Letícia Silva Moraes dos Santos³

Orientador: Dr. José Pacheco dos Santos Júnior⁴

Universidade Federal da Bahia, UFBA

Universidade Federal do Oeste da Bahia, UFOB

Federação das Indústrias do Estado da Bahia, SESI

Resumo

Este projeto analisa a festividade "Caretas do Mingau", realizada em Saubara (BA), em homenagem a mulheres que, segundo a tradição, se fantasiaram de fantasmas em 1823 para assustar colonizadores e auxiliar na Independência da Bahia. A pesquisa busca inserir essa manifestação na historiografia nacional, destacando a invisibilidade histórica de mulheres, negros e interioranos nesse processo. Além do registro da prática, o estudo investiga o significado atual da festa na identidade cultural local. A metodologia inclui História Oral (Nora, 1993) e Memória (Pollak, 1989), com entrevistas a participantes e público. O projeto resultará numa extensão audiovisual, promovendo o reconhecimento e valorização dessa tradição e de seu legado histórico.

Palavras-chave

Caretas do Mingau; Saubara; Independência da Bahia; Documentário

Introdução

A festividade centenária "Caretas do Mingau" celebra, segundo o imaginário popular, a participação ativa de mulheres negras na tomada do 2 de julho pela Independência da Bahia, na cidade de Saubara. Com base na oralidade regional do Recôncavo, essas mulheres vestiam-se com trajes brancos e levavam consigo armas e mantimentos destinados aos seus companheiros ao decorrer do conflito. Atualmente, suas descendentes, durante a madrugada que prestigia a libertação baiana, mantêm viva essa herança com celebrações que exaltam sua contribuição à emancipação territorial. A história de Saubara está profundamente ligada às suas práticas culturais, que foram

¹ Trabalho submetido na IJ07 – Comunicação e Interfaces da Intercom Júnior – 21º Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Email: anaelismachadosouza@gmail.com

³ Graduanda em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Oeste da Bahia. Email: leticiasilvamoraes17@gmail.com

⁴ Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Email: josepsjunior@alumni.usp.br

essenciais na construção da memória coletiva desde a Independência da Bahia. Localizado no Recôncavo Baiano, o município é vizinho de cidades como Cachoeira e Santo Amaro, que participaram ativamente dos conflitos de 1823. Nesse sentido, o projeto tem como finalidade discutir o papel da oralidade na construção da memória coletiva como recurso de preservação histórica e, principalmente, exaltar a luta da participação popular negra feminina na historiografia. Como culminância desse processo, foi dirigido o documentário “Caretas do Mingau: A Luta que Ecoa na Memória” que pretende registrar e valorizar os saberes transmitidos pela comunidade, dando visibilidade a narrativas tradicionalmente ocultadas. Ao destacar a tradição das Caretas do Mingau, o documentário assume um papel fundamental na valorização dos relatos transmitidos entre gerações, transformando-os em registro audiovisual e dando visibilidade a narrativas tradicionalmente silenciadas. Inspirado nos estudos de Michael Pollak, a pesquisa evidencia que a memória coletiva, quando preservada e enquadrada por meios como o próprio estilo documentário, torna-se um instrumento poderoso na manutenção da tradição das Caretas, mas também o papel da oralidade como fonte legítima da história.

Este projeto justifica-se pela necessidade de dar maior visibilidade à manifestação cultural Caretas do Mingau na historiografia, uma tradição de Saubara-BA ainda pouco reconhecida nacionalmente, tanto no meio acadêmico quanto pelo público geral. Também busca suprir a escassez de estudos sobre o tema e valorizar a contribuição de mulheres, pessoas negras e interioranas na Independência da Bahia e do Brasil, frequentemente invisibilizadas pela história oficial. Diante desse panorama, o projeto se organiza em três eixos principais: primeiramente, parte do entendimento da memória popular como base fundamental para valorizar as narrativas orais e culturais da comunidade de Saubara. Em seguida, adota uma metodologia audiovisual que combina registros obtidos durante a madrugada do 2 de julho e, também, com entrevistas realizadas tanto com a população local quanto as próprias participantes, garantindo um registro fiel e preciso dessas tradições. Por fim, destaca-se a importância do cinema documental como ferramenta essencial para fortalecer a memória coletiva ao dar visibilidade e legitimidade às histórias tradicionalmente silenciadas, promovendo a preservação e o reconhecimento dessas manifestações culturais dentro da historiografia e da identidade regional e nacional.

Metodologia

Este projeto inicia-se com a etapa de levantamento bibliográfico, focada na busca de materiais referentes à Careta do Mingau, à independência da Bahia e à memória coletiva, com o intuito de ampliar o repertório sociocultural necessário para a compreensão aprofundada da problemática proposta, permitindo a seleção criteriosa dos principais autores e obras que fundamentarão a elaboração do artigo. Em seguida, procedeu-se à identificação de autores especializados em memória coletiva e história oral, com o intuito de verificar a adequação dessas abordagens metodológicas ao tema em questão. Após a revisão teórica, é determinada a utilização de entrevistas com moradores e participantes da festividade na comunidade de Saubara, visando enriquecer o conjunto de dados da pesquisa, alinhando assim os objetivos traçados. A etapa de campo consistiu na realização de entrevistas, com gravação de depoimentos para fins de documentação e posterior análise, além da coleta de material audiovisual para a produção de um documentário complementar sobre a festividade.

As referências bibliográficas no contexto metodológico serão os autores Pierre Nora (1993), Michael Pollak (1989) e Vanessa Perreira de Almeida (2023), nos temas memória e História Oral, respectivamente. Para identificação de dados, serão utilizadas pesquisas de autores vindos da região do Recôncavo baiano. Ademais, as abordagens de Nora e Pollak foram cruciais para a decisão da utilização de entrevistas das participantes das Caretas do Mingau e do próprio público que assiste à festividade na consolidação deste trabalho. As entrevistas permitem captar e explorar diretamente as percepções e vivências individuais, revelando como a memória coletiva é moldada e preservada. Essa metodologia enriquece a análise ao mostrar como a construção de um patrimônio imaterial influencia a memória, criando uma riqueza cultural que, devido à própria intervenção histórica, está sujeito a mudanças e reinterpretações contínuas de sua própria legitimidade. Dessa forma, é possível compreender mais profundamente como a comunidade do Recôncavo baiano preserva e transforma suas práticas culturais, conciliando a memória afetiva e simbólica com a narrativa histórica. Além disso, o trabalho final culminará em um vídeo em curta metragem feito para apresentação em feiras e congressos.

Caretas do Mingau: A Luta que Ecoa na Memória

Nos dias 1, 2 e 3 de julho de 2024, foi realizada uma expedição à cidade de Saubara, localizada no recôncavo baiano, com o objetivo de iniciar uma série de preservação da manifestação cultural das Caretas do Mingau. A equipe contava apenas com o contato prévio da antropóloga Ana Cláudia Gomes de Souza, estudiosa desse fenômeno cultural e responsável por fornecer hospedagem as pesquisadoras.

Já no primeiro dia, foi possível observar a intensa movimentação em torno da festividade, com a presença de jornalistas, pesquisadores das ciências sociais, autoridades políticas e representantes de instituições culturais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Por intermédio da antropóloga anfitriã, foi possível participar de reuniões preliminares com as Caretas do Mingau e organizadores da celebração, o que permitiu o estabelecimento de contatos e o agendamento de entrevistas individuais com todas as participantes. O acolhimento oferecido por todos os habitantes de Saubara, em especial pelas Caretas do Mingau, foi de grande valor para a realização da pesquisa. As entrevistadas receberam os pesquisadores em suas casas e participaram de longas conversas, além de compartilhar o famoso mingau, preparado especialmente para a ocasião. Todos os entrevistados consentiram com a gravação, documentação e divulgação de suas entrevistas, mediante assinatura de termo de autorização. O material recolhido será compilado em um documentário de média-metragem, que será distribuído por meio de plataformas digitais e redes sociais.

Conforme argumentado por Castro et al. (2014), reconhece-se a relevância do cinema como ferramenta educativa, proporcionando uma forma lúdica e dinâmica de aquisição de conhecimento. No entanto, em cidades interioranas, como Saubara e outras do recôncavo baiano, a presença de salas de cinema é limitada ou inexistente. Por esse motivo, o documentário será disponibilizado em mídias digitais, visando facilitar o acesso de estudantes da rede pública baiana e brasileira, que constituem o público-alvo deste projeto. Ademais, conforme documentado por Pollak (1989), a utilização do formato documental cinematográfico para registrar eventos históricos, tradicionalmente preservados pela oralidade, permite ampliar o alcance dessas narrativas e salvaguardar a memória cultural para futuras gerações.

O Documentário já está disponível no canal do YouTube "Caretas do Mingau Pesquisa", lançado em novembro de 2024.

“Liberdade para sempre, para ela, 2 de julho de 1823”

Segundo a historiografia convencional recente e a memória popular, no dia 2 de julho de 1823, as últimas tropas portuguesas foram expulsas do território da Bahia, graças ao resultado de extensas batalhas regionais em que a população civil baiana pegou em armas e se alistou no exército, com o intuito de se desligarem da hegemonia europeia. A independência do estado baiano marcou a o completo desligamento político da nação Brasil de seu antigo império. A participação popular em um momento tão significativo da história do Brasil orgulha o povo baiano, orgulho esse que é passado por diferentes gerações nos mais de 200 anos de independência, isso é notado a partir das mais diversas festividades e celebrações culturais ocorrentes no estado em homenagem ao feito de 1823, principalmente na capital, Salvador e cidades próximas que compõem o recôncavo baiano. (Albuquerque, 1997, p. 42 a 78)

Diferentemente da independência brasileira, proclamada após acordos entre o império português e a colônia, a liberdade baiana necessitou de diversas batalhas e luta armada entre civis e exército europeu. A presença pessoas indígenas, negros escravizados, homens livres pobres e uma pequena burguesia nas batalhas mostrou um caráter diverso populacional e união entre diferentes classes sociais para um interesse em comum. (Tavares, 2005, p. 230 a 251)

Nas últimas décadas, o trabalho das mulheres na independência baiana vem sendo mais reconhecido na historiografia, alguns nomes mais famosos são Maria Filipa e Joana Angélica. Esse trabalho tem o intuito de realçar mais uma luta negra e feminina, a partir dos relatos de suas descendentes pela memória e história oral. Apesar da participação de camadas populares no conflito, a independência não resultou em mudanças imediatas nas estruturas sociais ou no fim da escravidão. No entanto, a memória da participação desses grupos na guerra de independência foi incorporada às narrativas baianas e nacionais, e a celebração do 2 de julho é vista como um símbolo da luta coletiva pela liberdade e da resistência ao colonialismo. Por isso, o sentimento popular de orgulho anda é sentido nas gerações atuais, e festividades durante o mês de julho são realizadas anualmente, em diversas cidades do estado. Mesmo com essa participação popular tão forte, a quantidade de documentos escritos sobre seus atos é relativamente pequena, principalmente os

relacionados à luta feminina. Por isso, a memória cultural se tornou o documento de mais fácil acesso da população. As histórias das batalhas vencidas pelo povo baiano continuaram vivas graças aos contos contados entre gerações e as festividades anuais em celebração, que podem ter algumas diferenciações e relação ao local que está sendo contada e até a fé do contador. Tal fator gera modelos de pesquisa interessantes aos historiadores, antropólogos e cientistas sociais, já que, mais importante do que tentar descobrir os fatos da forma exata em que ocorreram, pode-se estudar como a história conhecida pela população afeta suas vivências.

Caretas do Mingau: história oral, memória e construção historiográfica

A trajetória histórica da comunidade de Saubara é profundamente entrelaçada com suas práticas culturais, que desde o período da Independência da Bahia, 2 de julho de 1823, foram fundamentais na construção histórica da memória coletiva da população saubarense. Localizado no Recôncavo Baiano e banhado pela Baía de Todos os Santos, o município de Saubara encontra-se a 96 km de Salvador, com vista direta para a capital. Faz fronteira ao norte com Santo Amaro e a oeste com Cachoeira, cidades estas envolvidas ativamente nos combates que antecederam o 2 de julho.

A emancipação da Bahia representa um marco crucial no desenvolvimento histórico do Brasil, contribuindo profundamente para a memória cultural do Recôncavo. Embora os discursos tenham deixado Saubara à margem dos relatos sobre as lutas, as expressões culturais populares superaram essa inibição histórica, estabelecendo conexões entre cultura e vivência, demonstrando como a cidade exalta sua participação nos movimentos de independência e o triunfo da população baiana contra a colonização europeia, reafirmando sua identidade popular progressista

Ao longo dos estudos históricos, discute-se a participação de homens negros e indivíduos marginalizados na luta pela Independência. Embora haja reconhecimento da contribuição das mulheres negras nesse processo, a importância desse grupo social, que foi fundamental para a consolidação da vitória na Bahia, é raramente destacada. Diante de narrativas moldadas muitas vezes por registros oficiais influenciados pelos valores e ideologias da época, a história do negro no Brasil foi frequentemente deixada de lado ou distorcida. Por isso, tornou-se essencial recorrer a outros meios de investigação, como

história oral e à preservação de manifestações culturais que celebrem a participação preta nas lutas pela libertação do povo, para que se possa discutir a formação do Brasil independente e a contribuição histórica de mulheres negras nos movimentos de emancipação na Bahia.

Nesse sentido, dialogando com os estudos de Pierre Nora (1993) sobre os conceitos de memória e história e, que permitem investigar como a história e cultura moldam uma memória popular, e com as contribuições de Michael Pollak (1989), que destaca a memória como uma ferramenta essencial para compreender a sociedade e a maneira como o presente influencia a formação do retrospecto passado, criando conexões entre memória, história e esquecimento, torna-se evidente a proeminência do objeto de investigação. Ao retratar mobilizações de pessoas não brancas, estas sendo mulheres, em lutas pela emancipação do Estado da Bahia e envolvendo a comunidade recôncava, responsável pela locação e libertação do povo baiano, falamos diretamente das Caretas do Mingau de Saubara (BA) como símbolo de força e resistência negra no processo de Independência. Há mais de um século, na madrugada do dia 2 de julho, mulheres majoritariamente negras, saem pelas ruas da cidade de Saubara vestidas dos pés à cabeça com rendas brancas, e usando chapéus de palha.

A roupa é um lençol branco, aí tem um tal de mandú que faz parte da Careta do Mingau. O mandú, tu pega uma peneira, bota assim na cabeça e pega uma varinha, uma travessa assim, aí você enfia o blusão e parece que fica pequenininho e coloca na cabeça [...] Aí a gente sai. (Maria Lúcia, entrevista, 1 de julho de 2024)

Elas carregam armas e panelas, contendo mingau de diversos sabores, enquanto gritam “Olha o mingau!” e produzem sons que lembram assombrações. Acredita-se que esse hábito tem suas raízes no período do conflito armado entre os colonizadores e os revolucionários baianos. Na época, as mulheres se vestiam e se incorporavam de tal maneira com o objetivo de intimidar os colonizadores portugueses e fornecer suprimentos aos seus maridos das tropas recôncavas.

A comunidade de Saubara recebe as Caretas do Mingau durante a madrugada com bastante festa, música, interação e um forte senso de comunidade. Isso tudo se deve ao caráter revolucionário e à valorização da cultura que os saubarenses respiram em sua terra. O ato de ser Careta do Mingau representa muito para aquelas que exercem esse papel, não apenas por simbolizar a mulher negra na historiografia do país, mas também

por representar a mulher que esteve na guerra e na luta pela emancipação e libertação do povo baiano. As Caretas são resistência, não só nos dias de hoje, mas também nos anos de 1822-23, quando se vivia um Brasil de escravidão e exploração do povo negro

Eu gosto, eu acho bonito, eu sinto o calor, eu sinto o calor que foi as coisas dos antepassados, a gente não pode deixar morrer, eu sinto mesmo o sangue pulsar nas veias quando eu tô na brincadeira [...] eu sinto que estou na guerra, parece que eu tô possuída pela guerra, que eu tava indo, que eu tava batalhando, que eu tava vencendo." (Vanda Pereira, entrevista, 3 de julho de 2024).

É uma sensação tão boa, eu me sinto bem lisonjeada de fazer parte né, do grupo e eu sinto uma sensação muito boa, eu não sei se vem dos nossos ancestrais antepassados, aquilo, eu acho, na minha concepção, acho que reencarna os nossos ancestrais e a gente fica naquele entusiasmo. (Guiomar Freitas, entrevista, 3 de julho de 2024).

A utilização da história oral, por meio de entrevistas neste artigo, serve para reforçar a ideia de que o povo de Saubara reconhece a participação de seus ancestrais na formação da história que vivenciam hoje, pela progressão da memória. A forma como diferentes sociedades obtiveram acesso à história documentada e a utilização da história oral como um meio de preservar heranças históricas revelam muito sobre as dinâmicas de poder, cultura e identidade na formação de uma sociedade. Culturas indígenas e africanas possuem uma rica tradição oral que serve como o principal meio de transmissão de conhecimento. No entanto, a desvalorização da legitimidade dessa oralidade na construção da história evidencia um caráter subjetivo e involuntário de silenciar a forma como essas civilizações documentam sua própria história, visto que a colonização e a imposição de culturas estrangeiras resultaram na marginalização de suas narrativas e tradições, deslegitimando assim suas vozes na historiografia. Igualmente, os depoimentos colhidos na comunidade saubarense evidenciam como a oralidade permanece um instrumento essencial na preservação das memórias e tradições locais do Recôncavo baiano.

Para que a memória coletiva seja autêntica, é fundamental que ela encontre eco nas experiências individuais, permitindo que cada pessoa se reconheça nas narrativas históricas compartilhadas. A nação, nesse contexto, a comunidade de Saubara, entendida

como a manifestação mais completa de um grupo social, reflete a construção de uma memória nacional que abrange as experiências e vivências de seus membros. No entanto, todo trabalho de enquadramento da memória de um grupo possui limites, pois não pode ser construído de maneira aleatória, ela deve atender a exigências de justificação que garantam sua credibilidade e relevância. Como observa Michael Pollak (1989), a legitimidade de uma memória enquadrada reside na sua capacidade de ser justificada e reconhecida por aqueles que a compartilham. As formas de enquadrar a memória, como por meio de arquivos, bibliotecas e museus, são fundamentais nesse processo. Entretanto, uma memória coletiva que não é devidamente enquadrada, seja por motivos de silenciamento histórico ou pela escassez de arquivos que complementem sua historiografia, não necessariamente anula sua credibilidade. Isso ocorre porque, a partir do momento em que ela consegue unir um povo em torno de um sentimento comum de pertencimento, já se estabelece como legítima. A propagação da herança histórica por meio da oralidade, assim como qualquer outro meio de historiografia, é um material sujeito a mudanças, mas continua a representar a identidade histórica daquele povo.

As Caretas do Mingau ascendem como um potente símbolo de pertencimento à luta popular feminina e negra no processo de Independência da Bahia, um marco fundamental para o desenvolvimento do Brasil independente. A vitalidade dessa tradição, juntamente com outras expressões culturais da comunidade de Saubara, não apenas enriquece a identidade local, mas também sustenta o caráter progressista da cidade, que continua a se manifestar até os dias atuais. A memória vivida por essa comunidade, aliada à crescente visibilidade midiática de suas narrativas, serve como uma forma de reparação histórica e social, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar as experiências e contribuições de grupos negligenciados na formação da identidade nacional. Portanto, as Caretas do Mingau e as tradições culturais que as cercam não são meras expressões artísticas, mas sim instrumentos essenciais para a reivindicação de um passado que, embora marcado por desafios, também ilustra a força e a resiliência das mulheres negras em sua busca por justiça e reconhecimento. Assim, a valorização dessas práticas não apenas presta homenagem às gerações anteriores, mas também, por meio da oralidade, estabelece um legado duradouro que inspira futuras lutas por igualdade e dignidade, garantindo que a história da comunidade permaneça viva e pertinente na memória coletiva do Brasil.

Conclusões

Dessa maneira, esse estudo destaca a importância da preservação da memória cultural como ferramenta central para a compreensão das dinâmicas históricas e sociais de grupos historicamente marginalizados, como as mulheres negras da comunidade de Saubara. As “Caretas do Mingau”, mais do que uma manifestação cultural, representam um símbolo de resistência, reafirmação da identidade reivindicação de protagonismo histórico, especialmente no contexto da independência da Bahia.

O trabalho reforça a legitimidade das narrativas populares e da tradição oral como fontes valiosas de conhecimento histórico, enfatizando que as manifestações culturais, nesse contexto, como as Caretas, desempenham um papel crucial na manutenção e transmissão das memórias coletivas. Essas práticas expressam a participação ativa de mulheres negras no processo de emancipação baiana, evidenciando uma faceta frequentemente negligenciada pela historiografia oficial.

Assim, concluímos que a valorização e o reconhecimento festividades regionais culturais, como as Caretas do Mingau, são essenciais não apenas para a preservação das tradições culturais locais, mas também para a correção de omissões históricas, promovendo o resgate da contribuição de grupos marginalizados na formação da identidade nacional. Esse reconhecimento contribui para uma visão mais inclusiva e plural da história do Brasil, assegurando que as experiências de resistência e luta desses grupos permaneçam vivas na memória coletiva.

Referências

ARAÚJO, Robson Barboza; JÚNIOR, Milton Ferreira. **Silenciamento ao fenótipo negro e epistemicídio nas políticas públicas educacionais no Brasil.** *Revista Macambira*, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, Jan.-Dez., 2024.

BAHIA, NA. **“Olha o mingau”: as mulheres que fingiam ser almas penadas para amedrontar colonizadores na Bahia.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2023/07/03/olha-o-mingau-as-mulheres-que-fingiam-ser-almas-penadas-para-amedrontar-colonizadores-na-bahia.ghml>>. Acesso em: 29 out. 2024.

Caretas do Mingau de Saubara reverencia o papel da mulher na Independência da Bahia.

Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2016/08/12083/Caretas-do-Mingau-de-Saubara>

FILHO, Sérgio Guerra. *O protagonismo popular na Guerra da Bahia (1822-1823)*. São Paulo: Boitempo, 2022.

KITHI. **Caretas do Mingau, as mulheres na independência da Bahia**. Disponível em: <<https://www.revistaassumpreto.com/post/caretas-do-mingau-as-mulheres-na-independ%C3%Aancia-da-bahia>>. Acesso em: 29 out. 2024.

LEDZMA, Dr. Gerson Garlo. **RELIGIOSIDADE CÍVICA NA BAHIA: COMEMORANDO O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA A 2 DE JULHO DE 1923. ENTRE A MEMÓRIA NACIONAL E A MEMÓRIA REGIONAL**. *REVISTA ESBOÇOS* Volume 16, No 21, pp. 69-87 — UFSC.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. In: *Les lieux de mémoire. I La République*, Paris, Gallimard, pp. XVIII – XLII, 1989.

OREWÁ, Vanessa. *A guerra tem rosto de mulher: Caretas do Mingau!*. 1 ed. Cruz das Almas, 2023.

Pequenos mundos: O Recôncavo. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Pequenos_mundos_O_Rec%C3%B4ncavo.html?id=z7GUwgEACAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 17 out. 2024.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

REIS, Lucas Cardoso. **AS CARETAS DO: MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL EM DEFESA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SAUBARA (2015-2023)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em História) - Universidade da Integração da Lusofania Afro-brasileira, São Francisco do Conde. 2024. [reverencia-o-papel-da-mulher-na-Independencia-da-Bahia-.html](#) Acesso em: 22 abr. 2024.

_____. **AS MÁSCARAS DE SAUBARA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E CULTURA NEGRA NO RECÔNCAVO BAHIANO**. 2018. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em

Humanidades) - Universidade da Integração da Lusofania Afro-brasileira, São Francisco do Conde. 2018.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Guerra pela independência do Brasil na Bahia**. In: *A História da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005. Cap. XVII.